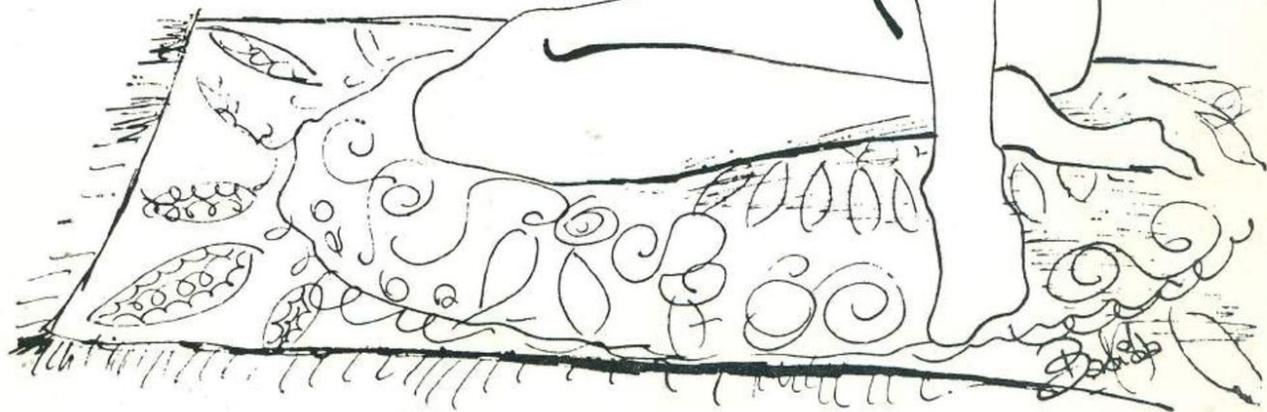


Daria



Liandra



Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará Fortaleza 18 de dezembro de 1975

No ano passado, BADIDA compareceu, pela primeira vez, em individual, aos salões de arte de Fortaleza. Foi na antiga Casa de Raimundo Cela. Estava paraninfada por um cortejo de sensibilidade artística: Otacílio Colares, Heloysa Juaçaba, Nadir Papi Saboya, Estrigas, Barrica. Moreira Campos a levou pela mão nesses esponsais artísticos, da mesma maneira como a terá conduzido ao altar nupcial, e a amparado no ensaio dos primeiros passos. Não manifestava surpresa com o sucesso da filha. Tranquilo, vendo desabrochar flor, onde plantou flor.

BADIDA não se apressara por expor em público seus trabalhos. Há vários anos vinha estudando. Incentivada pela leveza dos desenhos de sua Mãe, mas sensibilizada pelo estímulo das cores. Em Recife, teve oportunidade de freqüentar o atelier de Chalita. Não lhe herdou a expressão. Talvez a essencialidade do desenho, na formulação da obra. Talvez a convicção de que a cor deve ser dominada. É apenas um meio para corporificar uma idéia, um sentimento, uma análise vivencial do espírito.

Depois daquela individual, Badida compareceu a várias exposições coletivas na cidade, até que, em mostra realizada na sede de *O Povo*, deixou transparecer alguns trabalhos da coleção, que hoje lança, oficialmente, nesta Galeria.

Trocou as telas convencionais por placas de cerâmica. E as aparelhou. E, sobre elas, sentiu que poderiam conviver, simultaneamente, diversas técnicas de pintura: o pastel, a aquarela, o óleo. De cada tipo de tinta aproveitou as características peculiares. Elasteceu a quantidade de tons suaves da palheta, conseguiu leves transparências, contrastando com cores densas e encorpadas. Com essa gama de recursos técnicos pôde melhor detalhar as figuras com que traduz análises do sentimento e comportamentos humanos.

Juntamente com as novas experiências pictóricas, BADIDA oferece mais uma faceta de atividade artística.

Apresenta as FIANDEIRAS. Obra de parceria com a sua irmã NATÉRCIA. Trabalho de afirmação, num gênero que rompe círculo con-

testatório. Tradicionalmente considerava-se a tapeçaria como atividade simplesmente artesanal, para fins decorativos, classificada como arte-menor, sem acesso aos Salões de Arte.

Hoje, na XIII Bienal de São Paulo, uma tapeceira iugoslava, JAGODA BUIC, conquista o Prêmio Itamarati, a maior láurea daquele Salão de Arte Internacional.

Sem dúvida o trabalho premiado foge às habituais limitações bidimensionais, e a tecedura de suas fibras constroem obras de características escultóricas, embora sejam aceitas e premiadas em diversas Bienais de Tapeçaria de Lausanne.

Mesmo que o trabalho se subordine às limitações tradicionais de forma, há de se distinguir a peça, onde transparece a exclusiva preocupação decorativa daquela em que se diferencia de uma tela de arte somente pelo veículo da cor.

Arte é criação. Privilegiada participação delegada de atributo divino. Não pode ser tipificada pela qualidade do elemento material com que se reveste em sua manifestação.

Na obra das FIANDEIRAS, a composição formulada por BADIDA tem as cores, por ela marcadas, enriquecidas pela textura obtida pelos pontos de bordado, criados por NATÉRCIA.

Na pintura o artista marca o domínio técnico de sua expressão plástica, não só no uso apropriado das cores, mas na aplicação das tintas, criando superfícies macias ou ásperas, vigorosas espatulações ou grossas pinceladas.

FIANDEIRAS. Parceria criativa. Inseparável, no resultado final da obra proposta. Até onde vai BADIDA? Até onde vai NATÉRCIA? Impossível distinguir.

*JOSÉ JULIÃO*

*Com seus temperamentos irriquietos, as fiandeiras não se limitaram às formas usuais de tapeçaria. Sente-se em suas obras a pesquisa, no desejo de encontrar um caminho conciliador entre o tradicional e o moderno regional.*

*São Paulo, 26 de setembro de 1975.*

*FLÁVIO PHEBO*

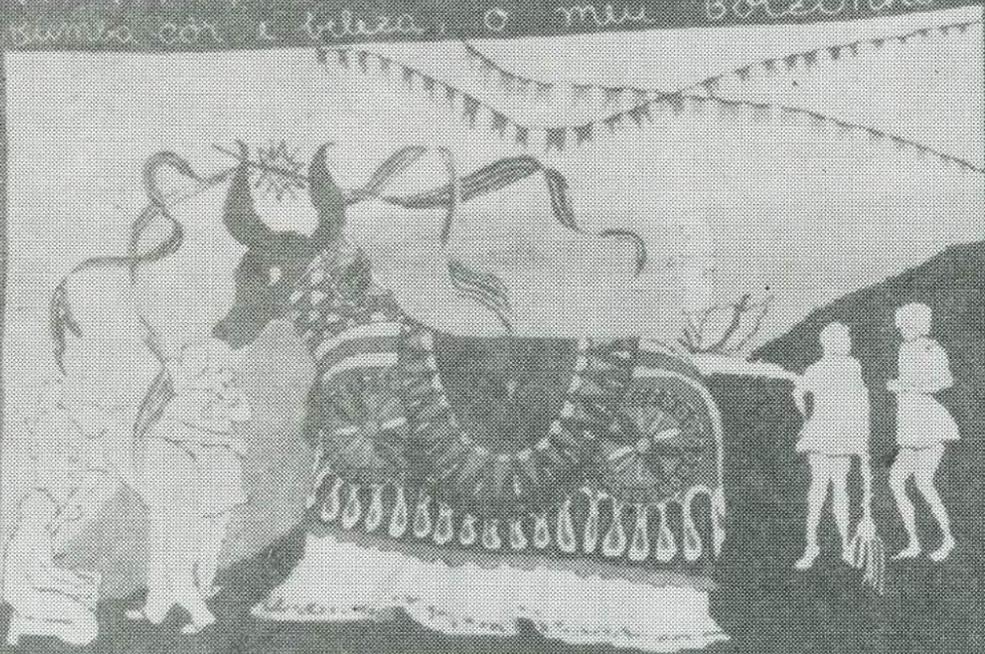
*Suas cores nos lembram as dos grandes impressionistas, que abriram novas portas, descerraram novos horizontes — Renoir, Cézane, Van Gogh ou Degas. Apenas lembram, porque a pintura de Badida é muito pessoal; a fatura de seus trabalhos é originalíssima. Sua técnica difere da de quantos artistas temos visto nos últimos anos.*

*RUBENS DE AZEVEDO*

*Vivendo em ambiente familiar onde a arte e cultura têm destaque nobre na razão de ser da vida, Badida teria mesmo que pintar com uma grande força intelectual e também com grande paixão. Sua técnica de tratar as tintas dá às figuras um tom que parece aguado sem ser guache, transparente sem ser aquarela. Um tom quase sépia.*

*HELOÍSA JUAÇABA*

Blanco con i filza, o meu Botzinho



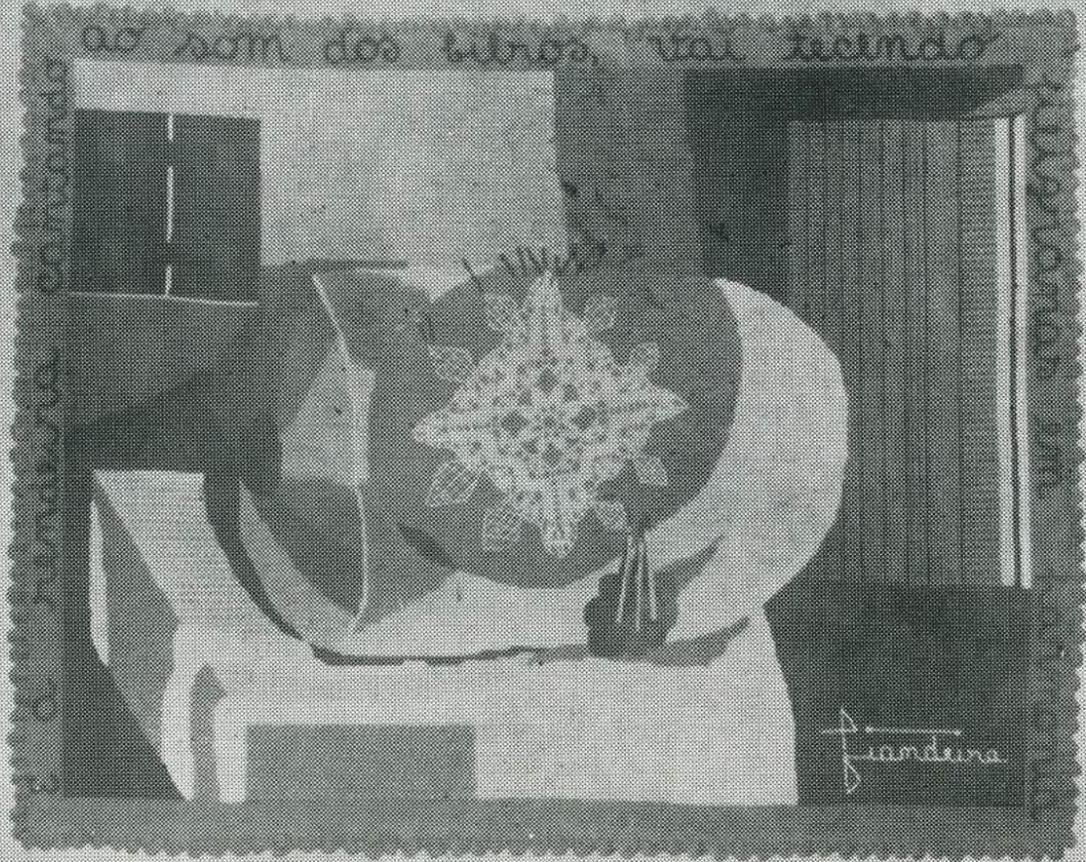
mulheres sapienta toda tristezza.

francina

ao som dos livros, vai tecendo

o mundo da vida

o mundo da vida



Guandara

## QUADROS

- 1 — O colar
- 2 — 3 Graças
- 3 — Pátio de um convento
- 4 — Ela
- 5 — Madame
- 6 — Esquina
- 7 — Beira de estrada
- 8 — O menino
- 9 — O Estudante II
- 10 — Mariazinha
- 11 — Andróginos
- 12 — A subida da serra
- 13 — Liseuse
- 14 — A avó da noiva
- 15 — O falso pudor de Rosa
- 16 — O Bruxo
- 17 — A Grande Mágoa
- 18 — Modelo
- 19 — O Traidor
- 20 — O Velho

## TAPEÇARIAS

- 1 — O Velho Farol do Mucuripe
- 2 — Gaivotas
- 3 — Almofada de bilros
- 4 — Capotes
- 5 — Bumba-meu-boi
- 6 — Chagas dos Carneiros
- 7 — Retalho da Serra de Maranguape
- 8 — O Açude

MARISA CAMPOS (BADIDA) Nasceu em Fortaleza, Ceará.

Estudou Belas-Artes (Curso Livre) na Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Pernambuco, com o artista plástico Pierre Chalita.

Participou das seguintes exposições:

Escola de Belas-Artes da Universidade Federal de Pernambuco (coletiva)

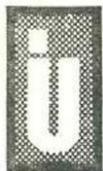
Casa de Raimundo Cela (individual)

Ideal Clube (Salão José) (coletiva)

UNIFOR (coletiva)

Jornal "O Povo" (coletiva).





Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - 1975